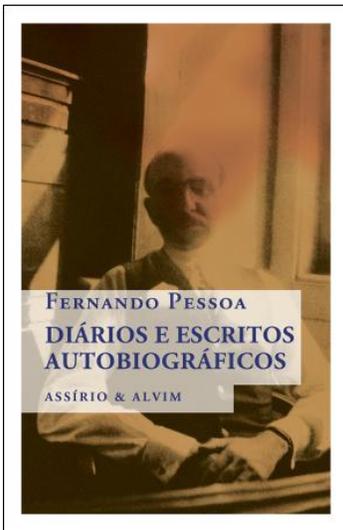


Fingimentos

[Feigning]

Pedro Eiras*

PESSOA, Fernando (2022). *Diários e escritos autobiográficos*. Editado por Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim. Col. Pessoa Breve. 288 pp. [ISBN: 978-972-37-2233-8]



No início de *Roland Barthes par Roland Barthes* (Paris: Seuil, 1975), ainda antes dos agradecimentos do autor, das primeiras fotografias, dos primeiros autobiografemas – portanto, num lugar estrategicamente paratextual –, lê-se este breve apontamento, ou instrução de leitura:

*Tout ceci doit être considéré
comme dit par un personnage
de roman.*

Reproduzo a frase de Barthes tal como aparece no livro, manuscrita; ou seja: encenando a presença da mão do próprio autor, a continuidade entre corpo biológico e exercício de mostraçãõ literária. O acesso à caligrafia de Barthes sugere um acesso à verdade do próprio Barthes-objecto-de-auto-bio-grafia. E, contudo, a frase introduz um inquietante diferimento. Numa tradução literal: tudo isto deve ser considerado como dito por uma personagem de romance. Ou seja, nenhuma mostraçãõ imediata de Barthes-objecto, nenhuma verdadeira auto-apresentaçãõ. Toda a autoria (letra manuscrita), mas nenhuma autoridade (imediatamente, o sujeito é uma personagem, um ser constituído na e pela linguagem, o resultado de um fingimento). Dito ainda de outro modo, a promessa da presença desfaz-se no próprio acto de apresentar a letra de Barthes, diferido num jogo de letras. Resta saber se algum livro poderia recusar esse diferimento, e apresentar, não personagens de romance, não fingimentos, mas o próprio sujeito, essa instância supremamente fugidia.

A frase de Barthes permitiria ler com proveito *Diários e Escritos Autobiográficos*, de Fernando Pessoa, um volume recém-editado por Fernando Cabral Martins e Richard Zenith na colecçãõ Pessoa Breve, da editora Assírio & Alvim (2022). Importa também lembrar que Richard Zenith já editou *Escritos Autobiográficos, Automáticos e*

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto / Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

de *Reflexão Pessoal* (2003); e que qualquer compilação de textos autobiográficos de Pessoa é devedora da edição clássica de *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (1966), volume organizado por Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. Como é natural, alguns textos de Pessoa ressurgem nestes vários volumes; e, ao mesmo tempo, as escolhas dos textos e a sua organização – por critérios temáticos (1966), temático-formais ou pragmáticos (2003), cronológicos ou formais (2022) – conduzem forçosamente a leituras diferentes (a Pessoas diferentes?).

Assim, este livro inclui textos que vão de 1906 a 1935, numa pluralidade de registos e funções: escritos autobiográficos de dimensões muito heterogéneas, diários (de 1906, 1913 e 1915), cartas (à mãe, a Côrtes-Rodrigues, Mário de Sá-Carneiro, Ofélia Queiroz, João Gaspar Simões, Madge Anderson ou Adolfo Casais Monteiro), páginas do *Livro do Desassossego*, o pacto deliciosamente filantrópico de Alexander Search com Satanás – e ainda, numa segunda parte do livro, poemas (por vezes da autoria de Ricardo Reis ou Álvaro de Campos). Alguns destes escritos são aqui publicados pela primeira vez, incluindo cartas de Pessoa ao primo Jayme Andrade Neves (1925) ou ao meio-irmão Luís Manuel Nogueira Rosa (1935), ou ainda um poema em inglês, iniciado pelo verso “O brother ta’en from me, in misery left”; outros textos, de que já se conheciam excertos, são agora publicados na íntegra.

Num verso célebre, e muito apreciado pelos seus discípulos, Caeiro diz que a Natureza é “partes sem um todo”. Pelo contrário, ao lermos estes *Diários e Escritos Autobiográficos* importa ler cada parte em si própria, mas também o todo que, nesta disposição dos textos por ordem cronológica da escrita, permite ver Pessoa a evoluir ao longo do tempo. Assim, por um lado, a leitura deve prestar atenção às constantes: a consciência da solidão, não desprovida de orgulho; um insistente medo da loucura; o desejo, os projectos e o receio da publicação; o patriotismo messiânico e o fascínio pelo oculto; a crença na literatura e na obra própria, por vezes em termos quase megalomaniacos, seguida da constatação disfórica de uma insuportável inacção. “Eis-me, então, no meu 28º aniversário sem nada ter feito na vida” (162), queixa-se Pessoa (que já tinha escrito milhares de páginas, incluindo *O Guardador de Rebanhos*, a “Ode triunfal”, odes neo-clássicas de Ricardo Reis, que já tinha sonhado um *Livro do Desassossego*, e co-editado *Orpheu*, decerto a revista mais escandalosa de toda a literatura portuguesa...).

Por outro lado, a leitura deve ser sensível às diferenças entre os textos, ao modo como eles contrastam ou se contradizem. Mesmo se não se pode definir qualquer lei geral, e se há sempre inúmeras excepções e ambiguidades na escrita de Pessoa, talvez interesse enfatizar nos primeiros textos os projectos, as esperanças, um fundo de confiança que torna a obra possível, e nos últimos a constatação cada vez mais dolorosa de uma incapacidade: assim, a infância é irrecuperável em “Aniversário” e em “Un soir à Lima”, e a publicação da obra revela-se impossível num país dominado pela censura salazarista (205, 225). “Não evoluo, viajo”, disse Pessoa numa carta a Adolfo Casais Monteiro, em 1935; este livro mostra que isso não

é verdade: há em Pessoa uma evolução – ou talvez uma involução, dos projectos para o desencanto, da esperança para o desespero.

Talvez possa agora regressar à frase de *Roland Barthes par Roland Barthes*, e perguntar se, também aqui, tudo deve ser lido como se fosse dito por uma personagem (de romance, ou talvez de drama em gente). No prefácio do livro, Fernando Cabral Martins e Richard Zenith afirmam que “O fingimento e a autobiografia, em proporções que vão variando, percorrem toda a obra literária de Pessoa, e mesmo os textos não propriamente literários apresentam, por vezes, ‘factos’ inventados” (13); noutra passagem, lembram também aqueles “casos em que Campos contradiz Pessoa, deixando-nos na dúvida quanto àquilo que o escritor por detrás destes dois nomes realmente pensava (se ‘realmente’ for, neste caso, um conceito que faça sentido)” (10). Assim, a leitura destes *Diários e Escritos Autobiográficos* tem de ser especialmente precavida; e o livro é fascinante, não apesar desse estado contínuo de alerta dos leitores, mas precisamente graças a ele.

Assim, o livro abre com a palavra “Eu” (19), e, contudo, nada nele é mais fugidio do que esse sujeito que, supostamente, procura definir-se a si próprio. De facto, como seguir alguém que afirma: “mudo de opinião dez vezes por dia” (171) ou, num enunciado inquietantemente *self-voiding*, “Sim, eu devo estar a ser sincero” (126)? Os lugares de atestação da verdade, do conhecimento, da comunicação são também lugares de uma dúvida ou, pior, de um regime indecível, capaz de minar a própria distinção entre saber e não-saber. Quanto mais Pessoa procura afirmar os fundamentos do seu pensamento e da sua comunicação, mais os torna resvaladiços. Por exemplo, ao escrever “Como [...] em todas as dificuldades da vida se deve sempre agir antes de pensar, vou responder antes de saber o que digo, e a resposta terá assim o selo régio da sinceridade” (203), Pessoa evoca o perigo de um artifício, assegura metatextualmente o carácter espontâneo do seu texto, e acaba por deixar pairar a ameaça destrutiva de uma encenação. Não podíamos estar mais longe da consciência da inconsciência, aquela que Pessoa persegue no poema começado por “Ela canta, pobre ceifeira”...

Neste sentido, a leitura destes textos convoca uma contínua e extrema suspeita: nada mais distante de uma escrita documental, de uma confissão imediata, ou da possibilidade de espreitarmos por cima do ombro de Pessoa e encontrarmos a verdade de uma autobiografia. A este nível, é interessante ler um excerto de um texto que começa pelas palavras “I am tired of confiding in myself” (64-68); cito a tradução em português: “E um naufrago é, de facto, o que eu sou. Sendo assim, confio em mim mesmo. Em mim mesmo? Que confiança há nestas linhas? Nenhuma. Quando volto a lê-las, dói-me a alma ao aperceber-me de como são pretensiosas, de como são típicas de um diário literário!” (66). A diferença é subtil, mas incontornável: um diário íntimo, em Pessoa, converte-se em diário literário, ou seja, escrito para um público, portanto encenado – a ponto de invalidar qualquer confiança na leitura ou a natureza espontânea do próprio sujeito. No limite, talvez não haja em Pessoa

nenhum escrito realmente “íntimo”, sem a consciência de um público vindouro, e mesmo os diários de carácter mais factual são também partes do drama em gente que há-de vir a ser publicado, num *tomorrow* que nem a mais esforçada carta astral consegue datar.

Numa carta de 20 de Julho de 1914, Mário de Sá-Carneiro parece responder a uma intuição de Pessoa, assim: “Você tem razão, que novidade literária sensacional o aparecimento em 1970 da Correspondência inédita de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro – publicada e anotada por... (perturbador mistério!).” É provável que a carta de Pessoa se tenha perdido para sempre, mas podemos reconstituir a *boutade* (ou a profecia solene?) que ali se encontrava: Pessoa sabe que todas estas cartas, as de Sá-Carneiro e as dele próprio, virão a ser publicadas, talvez nesse ano ainda longínquo de 1970... Mas este apontamento tem as mais graves consequências: por um lado, nenhuma carta é realmente íntima, toda a correspondência é escrita com vista à publicação futura (póstuma?), qualquer texto pessoal é também um texto público, portanto encenado; por outro lado, se uma carta pode vir a ser publicada, então também hão-de ser publicados diários, textos fragmentários, poemas incompletos, mesmo um pacto com Satanás assinado por Alexander Search...

Em rigor, muitos outros escritores antes de Pessoa (e também depois dele) tinham consciência de que escreviam para editores e leitores futuros, mesmo quando optavam pelo registo do suposto diário íntimo, secreto, impartilhável (quanto a Kafka, pede a Max Brod que queime os seus manuscritos – mas nunca nos livraremos da suspeita de que Kafka sabia que aquele amigo, precisamente, nunca os queimaria...). Ora, toda a teorização de Pessoa sobre a escrita, o fingimento e o diferimento do eu demonstra, como nunca, a impossibilidade cabal de uma comunicação de si próprio, de uma autobiografia. Pessoa não inventou essa condição intransitiva do discurso – mas analisou-a e sistematizou-a como ninguém. Por isso, a sua obra diz que não há, não pode haver acesso a Pessoa, à verdade de Pessoa: todos os textos são peças de um *puzzle* que pode ser montado de muitas maneiras diferentes, mas que nunca resulta numa imagem definitiva, apenas numa imagem possível:

Mas eu, casual e fortuito,
Factício até no que sou,
Sonho muito, penso muito
E indeterminadamente estou.

(243)

PEDRO EIRAS é Professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Porto, Investigador no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Membro da Rede de Pesquisa Internacional LyraCompoetics. Desde 2005, publicou vários livros sobre literatura portuguesa dos séculos XX e XXI, estudos inter-artísticos, questões de ética. Entre os mais recentes: *A Linguagem dos Artesãos. 10 Ensaios sobre o Fim do Mundo* (2022), *Constelações 3. Estudos Comparatistas* (2021), *Língua Bífida. Ensaio sobre António Gonçalves* (2021), *O Riso de Momo. Ensaio sobre Pedro Proença* (2018) e [...]. *Ensaio sobre os Mestres* (2017). Actualmente, desenvolve pesquisas sobre a representação e o imaginário do fim do mundo.

PEDRO EIRAS is Professor of Portuguese Literature at the University of Porto, Researcher at the Institute of Comparative Literature Margarida Losa, Member of the International Research Network LyraCompoetics. Since 2005, he has published several books on 20th and 21st centuries Portuguese literature, inter-art studies, and ethics issues. Among the most recent books: *A Linguagem dos Artesãos. 10 Ensaios sobre o Fim do Mundo* (2022), *Constelações 3. Estudos Comparatistas* (2021), *Língua Bífida. Ensaio sobre António Gonçalves* (2021), *O Riso de Momo. Ensaio sobre Pedro Proença* (2018) and [...]. *Ensaio sobre os Mestres* (2017). He is currently developing research on the representation and the imaginary of the end of the world.